

## EDITORIAL

Ana Claudia Mei Alves de Oliveira<sup>1</sup>

Marcelo Machado Martins<sup>2</sup>

Quando a chamada do número deste *dossiê* passou a ser divulgada, em abril de 2020, estávamos aprendendo a remodelar nosso comportamento público e privado, isto é, nossas práticas, nas mais diversas esferas do cotidiano, em função da covid-19 que se espalhava ferozmente em nosso continente e cujo vírus transmissor, o coronavírus, ainda era uma grande incógnita para centenas e milhares de cientistas e profissionais da saúde que se debruçaram sobre ele para mais bem conhecê-lo e, quem sabe, eliminá-lo como perigo iminentemente avassalador para a humanidade.

---

<sup>1</sup> Professora Titular da Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo que atua no PEPG de Comunicação e Semiótica. Codirige o Centro de Pesquisas Sociosemióticas – CPS; Coordenadora do GT da COMPOS: Práticas interacionais, linguagens e produção de sentido na comunicação; cocoordenadora do GT 3 “corpo, moda, comunicação” do Colóquio de Moda. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6528-8143>; email: [anaclaudiamei@hotmail.com](mailto:anaclaudiamei@hotmail.com)

<sup>2</sup> Professor Associado do Núcleo de Design e Comunicação da UFPE (Centro Acadêmico do Agreste); Professor permanente do PPGCDS da UFRPE; Presidente do Congresso de Iniciação Científica em Design e Moda (CIC\_DEM); membro da diretoria da ABEPEN e cocoordenador do GT 3 “corpo, moda, comunicação” do Colóquio de Moda. Orcid: 0000-0002-5846-4559; email: [machodomartins@yahoo.com.br](mailto:machodomartins@yahoo.com.br)

Naquele período, a sala de aula – tanto a da rede pública como a da rede privada – ainda vivenciava verdadeiros experimentos por parte dos heroicos professores que se desdobravam para manter ao menos um contato com os alunos, mesmo considerando as “perdas” de conteúdos pelo modo que o ensino estava sendo feito: *grosso modo*, sem qualquer preparo e adequada infraestrutura para a ação dos agentes envolvidos. As universidades titubearam em adotar o ensino emergencial remoto, mas no fim das contas ele foi acatado pelos conselhos universitários, seguindo as diretrizes do Ministério da Educação, embora com ajustes necessários sendo realizados no meio do percurso, dadas as demandas específicas dos Estados e Municípios. Colações de grau foram realizadas a distância, e graduandos da área da saúde tiveram que antecipar sua formação para se juntar à mão de obra especializada na nebulosa e muitas vezes mortal frente de batalha.

A História reservará um capítulo enorme para informar as futuras gerações sobre este contexto, considerando, inclusive, os disparates políticos das gestões do país em franca guerra ideológica com a imprensa, com partidos políticos, internamente, com governos do exterior etc. Da abertura da chamada do *dossiê* para cá, isto é, para a finalização de seus originais, a impressão que tivemos foi a de que o isolamento social e/ou o *lockdown* foi cumprido apenas por uma determinada parcela da população brasileira, enquanto outra não seguia as regras de condutas ditadas pela gestão pública e pela classe dos profissionais da saúde. De lá para cá, somaram-se mais de 8.500.000 casos no Brasil (95.000.000, no mundo), com mais de 210.000 mortes no Brasil (2.000.000, no mundo), contra 7.500.000 de casos recuperados no Brasil (52.900.000, no mundo), e na segunda quinzena de janeiro de 2021 foram iniciadas timidamente as vacinações, que também entraram como tema de embates políticos. E nós, professores e pesquisadores, nessa nova configuração social que engloba nosso trabalho com as ciências, nos superamos para dar conta de modo pelo menos satisfatório dos nossos compromissos anteriormente assumidos.

É assim, pois, que iniciamos a apresentação deste *dossiê*: reconhecendo e agradecendo os esforços hercúleos de cada autor e de cada autora que, convidados, acolheram de bom grado a chamada e se dispuseram a discutir conosco, em plena pandemia, o mundo da educação, mais particularmente o do ensino, e mais particularmente ainda o do ensino de artes, de moda e do design neste número especial em que projetamos artigos que apresentassem ideias, *insights* e experiências

de uma prática docente calcada, independentemente de área e de disciplina, em estudos do discurso e em sua importante conexão com o ensino e com a pesquisa. Esse intento foi alcançado, de acordo com os textos selecionados para esta edição! Aliás, a discussão lançada pelo conjunto dos artigos ultrapassa de fato as barreiras de áreas e disciplinas e dialoga com as “novidades” – sem nenhum sentido pejorativo do termo – que ganharam estampa nas práticas ou nos modelos pedagógicos do ano de 2020, dado o contexto da pandemia, denominados “metodologias ativas de aprendizagem”, “ensino híbrido”, “aprendizagem experimental”, “sala de aula invertida” etc. E o ponto que une tais modelos aos trabalhos então apresentados no *dossiê* é o da necessidade de a identidade do docente ser edificada a partir da base paradigmática de um *constructo* teórico que possibilite o diálogo ou o estabelecimento de relações inter, trans, pluri e mesmo multidisciplinares com áreas diversas – a depender da abordagem assumida e desenvolvida pelo pesquisador e aquela concretizada na prática do professor em sala de aula.

Assim, a seção *dossiê* é composta por quatro artigos. No primeiro, “A semiótica de Greimas na pesquisa brasileira em Design e Moda: triagem e mistura entre disciplinas”, de *Marc Barreto Bogo* e *Mariana Braga Clemente*, é apresentado ao leitor um criterioso levantamento do que os autores chamam de “arquitetura conceitual” da teoria semiótica desenvolvida por Algirdas Julien Greimas – conhecida como semiótica de linha francesa, semiótica discursiva, dentre outras denominações. Com efeito, registra-se o resultado de uma grande pesquisa de cunho bem próximo ao da historiografia, na qual se faz um apanhado de trabalhos de dissertações e teses (em design e moda) em que se encontra o aparato teórico-metodológico da referida semiótica. Os autores discutem questões específicas da semiótica para construir o viés adotado para a organização argumentativa do texto e, ao mesmo tempo, apresentam o que se tem, até o momento, na academia, das inter-relações entre semiótica, design e moda. Assim, discutem o caráter “ancilar” proposto pela semiótica (em tempos diferentes, por Greimas e, depois, por Eric Landowski), tratando-o como “interdisciplinaridade” (a partir das definições dos processos de *triagem* e de *mistura* desenvolvidos por José Luiz Fiorin, inclusive aportando aos estudos um quadrado semiótico que trata desses termos em práticas pedagógicas recorrentes na ação dos professores de diversos níveis e modalidades de ensino.

No segundo artigo, “Design de Moda: ensino e regimes de interação”, de *Luciana Chen*, são desenvolvidos argumentos que inter-relacionam os estudos e as pesquisas em semiótica e as práticas/metodologias de ensino, com vistas a ampliar o cabedal de possibilidades do trabalho do educador, incentivando-o a conhecer a propagação das propostas descritas e analisadas no texto, sobretudo para quem trabalha com o ensino de visualidades. Para tanto, a autora discute diferentes “escolas dos modos de ensinar”, aportando às suas caracterizações diferentes estruturas de manipulação e de programação, mas debruça-se com destaque para uma pedagogia libertadora, conforme preconizava Paulo Freire – inclusive porque considera, após sua exposição, que os regimes de interação definidos, conforme Erick Landowski, como ajustamento e acidente tendem a fazer parte do ensino de orientação construtivista. A autora insere, no desenvolvimento do texto, de maneira bastante fluida, os termos a serem conceituados, estabelecendo entre eles uma forte coerência com o conteúdo expressado – inclusive por meio de elementos de coesão que contribuem enormemente para a lisibilidade do texto que alterna e inter-relaciona conteúdos da educação, no geral, e da semiótica, no particular.

No terceiro artigo, “(RE)Criar Fashion Contextual Studies: uma visão gerativa da sociosemiótica no ensino superior de Moda e Design”, de *Marília Jardim*, discute-se a inter-relação entre os campos da Sociosemiótica e da Pedagogia, a partir da construção de um percurso de análise de um programa de ensino, isto é, retomam-se questões relacionadas à abordagem pedagógica (concepção de programa) a partir da Sociosemiótica, utilizada, portanto, em sua estrutura gerativa para a construção de sentido e das práticas “colocadas” em discurso. Sua originalidade se estende na descrição dos processos de práticas pedagógicas em diferentes regimes, cujos percursos de discursivização organizam narrativas que se aproximam dos quatro regimes de interação: programação, manipulação, ajustamento e o acidente. A pesquisa se desenvolve também no âmbito do “Fashion Contextual Studies”, e ao campo aporta uma nova perspectiva “metodológica” importante – inclusive baseada nos conceitos acerca da bricolagem de Lévi-Strauss. Por fim, o trabalho propõe uma aplicação prática da teorização landowskiana na elaboração de um programa (e em situações em sala de aula ao vivo e em cores); isso não só dá mais visibilidade ao trabalho do semioticista como também expande suas áreas de aplicação nas ciências (sociais, humanas, aplicadas etc.). Nele, a teoria semiótica não

é abordada como um instrumental que nos permite desenvolver críticas sobre determinados objetos, e sim como um instrumental que pode fundar-se como um guia para a construção de uma práxis educacional. No trabalho, ganham força as ideias freireanas com relação à construção de um aluno “cocriador” do conhecimento, pelas relações necessárias e conjuntas da teorização da prática e da prática da teorização – como as duas faces indissociáveis de uma mesma moeda; além disso, esse aspecto é tratado conjuntamente com os conceitos do *design thinking*, considerando sua concepção pedagógica mais “pura”.

Por fim, no quarto e último artigo da seção *dossiê*, “The construction of identity through the Fashion Portfolio: an international experience of field research”, de *Paolo Franzo*, discute-se o portfólio de moda como “instrumento de design” e como espaço de construção de identidade de seu produtor, de seu designer; os resultados que compõem o desenvolvimento da explanação do artigo são furto de uma pesquisa de campo (*workshops*) desenvolvida pelo autor no Politécnico de Milão, na Universidade Luav de Veneza e na Escola d’Art i Superior de Disseny de Alcoi. A lacuna, na literatura especializada, de material de cunho acadêmico que teorize a produção de um portfólio, pois o pouco material que existe limita-se a algumas dicas mais específicas sobre um determinado aspecto; estimulou o autor a pensar nessa produção genérica (de gênero textual) como um todo de sentido por meio do qual se apreende um simulacro de seu produtor/criador – como em qualquer tipo de texto/discurso. No caso, a *expertise* da abordagem se dá pelo fato de o portfólio não ser considerado em seu aspecto terminativo, pelo contrário, é a partir dele que se podem apreender as potencialidades de serem desenvolvidas novas e ousadas experiências – todas apreendidas em função da identidade do seu produtor que se projeta na própria produção. Compreender o portfólio nos modos considerados pelo autor a partir das atividades realizadas nos *workshops* é um caminho possível para expandir as possibilidades de trabalho com a teoria de base que sustenta os argumentos do presente artigo, a semiótica, bem como contribui com a formação de profissionais que necessitam, pelo ofício do trabalho, produzir e manter atualizado o portfólio – cuja primeira orientação de produção de sentido é o de apreendê-lo da perspectiva da narratividade e como “ferramenta” de comunicação e meio de construção da identidade do próprio autor.

A seção *aberturas transversais* do *dossiê* conta com onze produções de diferentes colaboradores, autores que assinam individualmente ou em grupo os artigos. Dado o espaço para esta apresentação sumária, serão apenas citados os títulos e a autoria dos artigos que compõem esse conjunto.

*Ana Beatriz Alonso de Oliveira, Luciene Contiero Felipe e Marcus Vinícius Pereira* apresentam e discutem uma forma de diálogo entre design e arte, em “Um olhar sobre formas e composição no design de interiores sob a ótica da arte”; “A arte e moda: uma experiência na Escolinha de Arte do Recife” é o título do trabalho de *Ediel Barbalho de A. Moura*, temática que reverbera também no artigo de *Thiago Camacho Teixeira*, “Subversão em performance na escola pública e diálogos com as políticas culturais”; encerra este primeiro conjunto o texto “Ensino da Arte: contribuições semióticas”, cuja autora, *Anamélia Bueno Buoro*, traça seu percurso como “autora semiótica” de livros e coleções de relacionadas ao ensino arte, didáticas e paradidáticas.

Um segundo bloco se forma a partir do artigo de *Vanilson Luis de Melo Coimbra e José Ronaldo Alonso Mathias*, “O editorial de moda a partir da arte relacional”, e a temática da moda se expande em suas relações com o consumo em “Moda e consumo periférico: a construção de identidade social a partir das ações promovidas pelo projeto 'Periferia Inventando Moda' na cidade de São Paulo”, de *Anderson Gurgel Campos e Danilo Souza Moura*; mas ainda como memória e identidade étnica, a manifestação da moda é tomada em “A moda como dispositivo da memória no espaço museológico”, de *Diêgo Jorge Lobato Ferreira e Priscila Almeida Cunha Arantes*, e em “Turbante e identidade negra: uma análise pela semiótica discursiva aplicada a um post do Facebook”, de *Isaac Matheus Santos Batista*. Finalizando este segundo conjunto, encontram-se os trabalhos de *José Roberto Pereira Peres*, que apresenta uma investigação detalhada sobre uma faceta de Mário de Andrade talvez pouco conhecida pelo grande público, em “A experiência docente de Mário de Andrade no Instituto de Artes da Universidade do Distrito Federal - RJ (1938-1939)”; e o artigo de *Gisely Andressa Pires, Livia Marsari Pereira e Raquel Rabelo Andrade*, “A interação professor e aluno em tempo de pandemia: práticas educacionais de técnicas de ilustração de moda criativa por meio do Instagram”, que de modo circular nos faz voltar para o início desta apresentação, ou seja, retomamos o tema dos tempos da pandemia que tão fortemente marcaram o ano de 2020, abrindo

caminho para pensarmos o futuro de uma certa modalidade do ensino, como fazem João Ciaco e Fabiane Villela Marroni, em “Educação, Semiótica e o espírito do tempo: uma metodologia para a formação profissional tecnológica superior no Brasil pós-pandêmico”.

Reiteramos nossos agradecimentos aos autores e às autoras, convidando todos para, em outra oportunidade, discutir conosco os *limites* e os *deslimites* das práticas sociais, quaisquer que sejam, a partir da perspectiva dos estudos dos discursos, dos textos, das semióticas ou da sociosemiótica, visando ao engrandecimento dos nossos saberes com relação à área de ensino de disciplinas que integram nosso vasto campo de pesquisa que se imbricam em suas diferentes e ao mesmo tempo tão próximas produções e diálogos: as artes, a moda e o design.

Boa leitura!